



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

**Sub-eixo: Crise, trabalho e tendências contemporâneas das políticas sociais no
capitalismo**

REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL E “BOLSONARISMO”: UMA LEITURA DA SOCIEDADE
BRASILEIRA ATRAVÉS DE FLORESTAN FERNANDES

ANDRESSA MARIA DIOGO DA SILVA¹

MÁRCIA BEATRIZ RODRIGUES GONZAGA DA SILVA²

VALMIENE FLORINDO FARIAS DE SOUSA³

RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre a sociedade brasileira com base no livro “Revolução Burguesa” de Florestan Fernandes. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de tipo bibliográfica, com o objetivo de compreender o “Bolsonarismo” através da leitura da revolução burguesa no Brasil, de Florestan Fernandes, mesclando assim, o passado e o presente.

Palavras-chave: Revolução Burguesa; “Bolsonarismo”; Sociedade Brasileira.

ABSTRACT

This article is a reflection on Brazilian society based on the book "Revolução Burguesa" by Florestan Fernandes. Qualitative research was carried out, of bibliographic type, with the objective of understanding "Bolsonarism" through the reading of the bourgeois revolution in Brazil, by Florestan Fernandes, thus mixing the past and the present.

Keywords: Bourgeois Revolution; "Bolsonarism"; Brazilian Society.

INTRODUÇÃO

Partimos da compreensão da formação sócio-histórica do Brasil em uma economia baseada, sobretudo, no sistema escravista, em um passado autoritário e mandonista. Sendo a

¹ Universidade Estadual do Ceará

² Universidade Estadual do Ceará

³ Universidade Federal do Amazonas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sociedade brasileira, colonizada / explorada. De acordo com Fernandes (2020), faz-se necessário uma análise objetiva e detalhada da formação e desenvolvimento do capitalismo no Brasil, e para o autor existiam três alternativas possíveis em tal desenvolvimento, seriam elas, “subcapitalismo”, “capitalismo avançado” e “socialismo”.

Ao versar sobre a “Revolução Burguesa” no Brasil, Fernandes (2020), destaca que as noções de “burguês” e “burguesia” não podem ser aplicadas legitimamente ao senhor de engenho ou a aristocracia agrária, visto que o senhor de engenho aparece como um *agente econômico especializado*. Portanto explana que tais noções aparecem na sociedade brasileira de modo tardio, tendo como marco a Independência, que cria condições para seu maior desenvolvimento.

A burguesia brasileira, não surge da mesma forma, e nem percorre os mesmos caminhos da burguesia europeia. Os fatos históricos de cada sociedade são moldados de forma particular. No Brasil, a burguesia é dependente dos países de capitalismo central, e, portanto, não é de seu interesse uma educação política para a população.

Faremos uma análise da revolução burguesa atrelada ao “bolsonarismo” compreendendo que o Governo Bolsonaro, representou a burguesia brasileira no sentido de propor uma menor intervenção estatal frente a diversas políticas, agindo com desmontes, desfinanciamentos e esvaziamentos de pastas que estavam consolidadas em governos anteriores.

Compreendemos também, que diante de tamanhos desmontes, esvaziamentos de pastas, e sobretudo de desfinanciamentos, o trabalho profissional do/a Assistente Social encontrou-se bastante dificultado. Sendo, esses e essas profissionais que lidam com políticas públicas e a facilitação do acesso aos direitos sociais.

Diante do governo Bolsonaro, somou-se ainda um contexto atípico de pandemia mundial causada pelo vírus Sars-Cov2, escancarando a preferência do sistema capitalista ao mercado em face da vida humana.

Este estudo é de natureza qualitativa, e tem como objetivo compreender o “Bolsonarismo” através da leitura da revolução burguesa no Brasil, de Florestan Fernandes, mesclando assim, o passado e o presente. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica, por meio de leituras e fichamentos de textos, a fim de alcançar o objetivo proposta

REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL E “BOLSONARISMO”

A sociedade brasileira é estruturada através de um sistema capitalista-racista-patriarcal, com uma economia fundada no escravismo. Uma sociedade colonizada / explorada por uma



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

nação cristã, que conforme Viezzer e Grondim (2021), “com uma mão faziam o sinal da cruz e com a outra baixavam o ferro sobre as cabeças das nações que viviam o sonho de um mundo em que todos caberiam: humanos em comunhão com todos os seres não humanos”.

É master inferir que

o surgimento do Brasil como nação que através da colonização tornou-se síntese do que lhe foi particular, ou seja, de um sistema colonial pautado na escravatura moderna, mas também do que lhe foi universal pelo mesmo processo: a inserção ao mercado mundial, no contexto de expansão mercantil do capitalismo (Medeiros e Bezerra, 2019, p.29).

Com o sistema fundado na escravatura – um processo que oficialmente tem-se início em 1550, embora antes desse ano já houvesse africanos trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar, e no século XVI os escravizados e escravizadas já eram a maioria da população brasileira – abre-se margem para um maior lucro e com isso a maior acumulação de riquezas, obtido pelos senhores de engenho. Somando-se a isso surgem, como base de uma população, considerada como não humana, assujeitada, preconceitos e estereótipos, que ainda hoje são perpetuados, como a figura da mãe preta e da mucama, além de o negro visto como vagabundo e malandro (Gonzáles, 2020).

Assim como explorado por Fernandes (2020), as transformações capitalistas não são determinadas unicamente pelo desenvolvimento capitalista, mas são compostas de fatores econômicos, socioculturais e políticos. E, portanto,

O que é ou não é histórico determina-se no nível do significado ou da importância que certa ocorrência (ação, processo, acontecimento etc.) possua para dada coletividade, empenhada em manter, em renovar ou em substituir o padrão de civilização vigente (Fernandes, 2020, p.28).

Podemos salientar então, alguns elementos destacados por Fernandes (2020), que impulsionaram o antiescravismo e o abolicionismo - em primeiro lugar, “a violência como técnica de controle do escravo”; “a escravidão, a dominação senhorial e o próprio regime patrimonialista” e, “à emergência, à propagação e à intensificação de movimentos inconformistas” – em uma revolução social, a qual se constituía como uma

revolução social dos “brancos” e para os “brancos”: combatia-se, assim, não a escravidão em si mesma, porém o que ela representava como anomalia, numa sociedade que extinguiu o estatuto colonial, pretendia organizar-se como nação e procurava, por todos os meios, expandir internamente a economia de mercado (Fernandes, 2020, p.30).

Visualizamos, nessa passagem a constituição de uma classe social que não busca a reparação pensando no outro enquanto ser humano, mas buscando apenas a manutenção do *status quo*, e a aparência frente ao comércio internacional (enquanto nação).

Nesse caminho, elencaremos a seguir algumas considerações sobre o “bolsonarismo”, para tanto, faz-se necessário elucidar a conclusão de Michael Löwy onde, “o sistema capitalista, sobretudo nos períodos de crise, produz e reproduz fenômenos como o fascismo, o racismo, os golpes de Estado e as ditaduras militares” (Löwy, 2015, p.663).

A história política brasileira apresenta um processo de transição nos diferentes governos para a implementação do modelo neoliberal no país, especialmente a partir da década de 1990 no governo de Fernando Henrique Cardoso, que colocou em prática o neoliberalismo ortodoxo. A partir dos anos 2000, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), houve um afastamento do neoliberalismo ortodoxo em favor de um modelo chamado de neodesenvolvimentismo. Esse modelo buscava crescimento econômico e redução das desigualdades por meio da conciliação de classes, sem mudanças estruturais profundas. O presidente Lula permaneceu no governo por dois mandatos consecutivos (2003-2006 e 2007-2010), foi beneficiado por um cenário econômico global favorável, mas encontrou limitações durante a crise financeira de 2007/2008 (Macário; Rodrigues Júnior, 2016, p. 141).

Dessa forma, após o fim de seu segundo mandato, Lula apoiou a candidatura de Dilma Rousseff, eleita em 2011 como a primeira Presidenta mulher do país. Seu governo seguiu a linha neodesenvolvimentista, mas enfrentou dificuldades devido à crise do capitalismo global e pressões de diferentes setores sociais e econômicos. Durante seu segundo mandato, mesmo adotando medidas neoliberais, Dilma foi afastada do poder por um impeachment em 2016, acusado de “pedaladas fiscais”. O vice-presidente Michel Temer assumiu e implementou reformas neoliberais, incluindo a Reforma Trabalhista e a PEC 241/2016, que restringiu os gastos públicos por vinte anos (Souza; Hoff, 2019).

Foi no contexto da crise econômica e social que a presidenta Dilma Rousseff sofreu impeachment. Tendo em seu histórico as Jornadas de Junho de 2013, onde manifestações, a princípio movidas pela juventude foram “tomadas” pela classe média, branca e de direita. É, nesse interim, que se destaca a figura, primordialmente, caricata de Jair Bolsonaro.

Conforme Sabrina Fernandes (2019),

Junho não é a resposta à crise de práxis, mas inaugura uma era política que expõe os problemas de organização que a esquerda enfrenta na esperança de promover a busca por



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

respostas, mesmo que os elementos negativos, conservadores, despolitizados e fragmentados da conjuntura sejam aumentados (Fernandes, 2019, p.21).

Jair Bolsonaro, é um ex-militar do exército brasileiro - de onde foi expulso - que soma mandatos desde 1989, quando foi eleito vereador pelo Estado do Rio de Janeiro. Tendo sido eleito presidente da República do Brasil em 2018, através de eleições marcadas pela divulgação de *fake News*, manifestação de discursos de ódio, claras expressões de conservadorismo, fundamentalismo religioso, dentre outras características também presentes na formação da sociedade brasileira, expressas sobretudo pelos senhores de engenho.

Conforme Jessé Souza (2018), a Rede Globo, e a Operação Lava Jato, deflagrada pela Polícia Federal contribuem para o que veio após o contexto do golpe de 2016. Souza elucida que

O conluio entre Rede Globo, à frente da mídia venal, e a Operação Lava Jato conseguiu solapar as bases normativas da vida democrática, banalizando vazamentos ilegais e agredindo criminosamente a presunção da inocência. Quando se ataca o núcleo normativo da democracia e do direito, o que resta é a violência aberta. (Souza, 2018, p. 160).

Não é de nosso interesse, traçar um quadro completo do processo pré e pós golpe de 2016, entretanto compreendemos a importância de situar certos acontecimentos, a seguir partiremos a outros elementos, como o governo de Bolsonaro em si, e como a formação sócio-histórica do Brasil influencia em nosso passado recente.

Uma passagem que reflete bem o Brasil governado por Jair Bolsonaro e seus ministros encontra-se no livro *Nas ruínas do neoliberalismo* de Wendy Brown (2019),

os despossuídos eram cada vez lançados sob o rolo compressor da economia, enquanto se tocava para eles uma sinfonia política de valores familiares cristãos, acompanhada por hinos louvando a branquitude e o sacrifício de seus jovens em guerras intermináveis e sem sentido (Brown, 2019, p. 11-12).

Nesse artigo, utilizaremos o conceito de “bolsonarismo” adotado por Silva (2020, p. 35), o qual elucida que “[...] termo bolsonarismo tem sido amplamente utilizado para caracterizar práticas populistas que combinam ideias neoliberais e autoritárias”, tais ideais estão presentes nas falas de Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil. Entretanto, o bolsonarismo não possui Bolsonaro como único expoente, e sim todos/as sujeitos/as que expressam o “discurso conservador e baseado na moralização da política”, tendo o fundamentalismo religioso como um de seus principais ideais.

Pode-se inferir que, a partir de uma história marcada pela exploração de negros e negras escravizados e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

escravizadas, após um genocídio de 90 a 95% dos povos originários das Américas, o viés autoritário está presente no cotidiano do povo brasileiro, expresso em certos comportamentos e discursos. Desse autoritarismo podemos citar como alvos fáceis, as populações consideradas minorias sociais, as mulheres, a população LGBTQIAPN+, os negros, as pessoas com deficiência, idosos e crianças.

Vemos, portanto, no livro *Revolução burguesa no Brasil* de Florestan Fernandes (2020), que

O capitalismo dependente e subdesenvolvido é um capitalismo selvagem e difícil, cuja viabilidade se decide, com frequência, por meios políticos e no terreno político. E, ao contrário do que se supõe e ainda se supõe em muitos círculos intelectuais, é falso que as burguesias e os governos das nações capitalistas hegemônicas tenham qualquer interesse em inibir ou perturbar tal fluxo do elemento político, pelo enfraquecimento provocado das burguesias dependentes ou por outros meios (Fernandes, 2020, p. 303-304).

Não é de interesse da burguesia interferir no fluxo de uma maior compreensão da população acerca dos elementos políticos, haja vista que ao realizar tal intervenção, poderia criar um espírito nacionalista revolucionário, ou ainda incentivar a transição para o capitalismo de Estado ou socialismo, e isso vai de encontro aos seus interesses mais primordiais de manutenção do desenvolvimento capitalista dependente e subdesenvolvido (Fernandes, 2020).

Ressaltamos a importância da análise do “bolsonarismo” atrelada a leitura de Florestan Fernandes, pois ele destaca que

a revolução burguesa na periferia é, por excelência, um fenômeno essencialmente político, de criação, consolidação e preservação de estruturas de poder predominantemente políticas, submetidas ao controle da burguesia ou por ela controláveis em quaisquer circunstâncias (Fernandes, 2020, p. 305).

Partindo desse princípio, destacamos o contexto Latino-Americano no cenário de desmonte de políticas públicas. Semeraro (2019), evidencia que as crises nos centros de poder, como a crise do capital de 2008, sempre resultam em maior exploração das periferias e das classes mais vulnerabilizadas. Como resultado, os governos considerados progressistas da América Latina foram alvos de acusações de corrupção e incompetência, essa conjuntura causou a queda de cada um desses governos, propiciando um “Estado mais armado para defender privilégios, desnacionalizar a economia, desmontar a democracia” (Semeraro, 2019, p. 6).

É válido destacar também a contribuição de Rui Mauro Marini ao trabalhar as categorias de *superexploração*, *dependência estrutural* e *desenvolvimento* desigual. De acordo com Marini (2015), o Brasil, enquanto um país periférico do sistema capitalista mundial, está inserido em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relações de subordinação e dependência, tendo em vista os países centrais. Tal dependência econômica é expressa, sobretudo, na exportação de produtos primários e da importação de bens manufaturados, ocasionando uma associação desigual de troca e limitação da capacidade de desenvolvimento autônomo do país.

O processo de industrialização no Brasil, não se deu de maneira autônoma, foi um resultado de investimentos estrangeiros e dos interesses das classes dominantes brasileiras, que pretendiam repetir um modelo de acumulação capitalista voltado para a exportação de matérias primas. O que acarretava a manutenção das estruturas de poder e concentração de renda.

Para o autor, destaca-se a *superexploração* no sistema capitalista brasileiro, com os baixos salários recebidos pelos trabalhadores, as condições precárias de trabalho enfrentadas, em contrapartida, está a riqueza socialmente produzida apropriada pelas elites econômicas. É essa dinâmica de exploração profunda, que reforça e aprofunda as desigualdades sociais e a relação de dependência do país ao capital estrangeiro.

Destaca-se, nesse caminho, a *dependência estrutural*, que, de acordo com Marini (2015), se caracteriza pela dependência entre países centrais e periféricos, não corresponde apenas a questões de atraso econômico ou a falta de desenvolvimento, é, entretanto, uma questão estrutural do capitalismo mundial. Os países periféricos são aglutinados à economia mundial de forma subordinada, suas estruturas produtivas, são condicionadas para atender às necessidades dos países centrais.

Portanto, cria-se um padrão de *desenvolvimento desigual* entre países periféricos e centrais. Os países centrais acumulam capital e desenvolvem as tecnologias avançadas, ao mesmo passo que os países periféricos encontram-se estagnados na reprodução de atividades econômicas de baixo valor agregado, de matérias primas, é, em relação a essa dinâmica, que se perpetua a dependência e impede o desenvolvimento autônomo dos países periféricos.

A dependência, segundo Marini

entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em que o marco das relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. Portanto, o fruto da dependência só pode ser mais dependência, e sua liquidação supõe necessariamente a supressão das relações de produção que ela envolve. (Marini, 2015, p. 111).

Evidencia-se, portanto, a atualidade das discussões e categorias criadas pelo autor, como parte da sociedade brasileira, logo, de um país periférico e subordinado aos países de capitalismo central. Compreendemos que as desigualdades sociais se estruturam na *superexploração*, *dependência estrutural* e no *desenvolvimento desigual*, financiado e, sobretudo, reforçado pelos países do capitalismo central.

Podemos visualizar essa relação de dependência também no ideário brasileiro no que tange as relações entre as regiões sul-sudeste e norte-nordeste, em certos momentos as expressões xenofóbicas são abundantemente proferidas, em principal nos períodos eleitorais.

Em 2018, foi eleito, como presidente da república, Jair Bolsonaro, o qual monta seu governo com ministros (as), sendo a maioria homens e ao primeiro momento duas mulheres, brancos e em grande número militares. Bolsonaro, é, um representante da burguesia brasileira, se diz nacionalista, mas bate continência para a bandeira dos Estados Unidos da América. Diz valorizar o nacional, mas vende empresas públicas para administrações estrangeiras, além da venda de refinarias a preços baixos para estrangeiros.

É possível visualizar também expressões misóginas⁴ no contexto das eleições de 2018, haja vista o movimento do “Ele não”, movido por mulheres que ganhou muita força ainda durante o período eleitoral e continuou a se propagar durante o período de governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

O “bolsonarismo” é expressão, do fundamentalismo religioso, do conservadorismo, do autoritarismo, neoliberalismo, da moralização da política, que é expresso por Bolsonaro, mas não apenas por ele, mas por outros /as que expressão esses mesmos ideais. O Governo do Brasil, gerado por ele, é de retrocessos, da intensa manifestação de preconceitos, de misoginia, de racismo, de sexismo, de incentivo a violência. Esse cenário não se esgota ao fim desse governo, são ideais que voltam à tona em grande força sempre em contextos de crise do capital.

CONCLUSÃO

O artigo em questão traz uma análise sobre a formação socioeconômica e política do Brasil, fundamentada principalmente no sistema escravista e em um passado autoritário e mandonista, conforme descrito por Florestan Fernandes. Fernandes (2020), enfatiza a

⁴ A misoginia é o ódio as mulheres, tomando-as como amigas do diabo, para isso utilizando do patriarcado, machismo e sexismo para sua manutenção. Toma-se também, através da religião cristã o exemplo de Eva para configurar a mulher como grande tentadora e, encarnação dos desejos que o homem não pode controlar em si mesmo (Homem; Calligaris, 2019).

necessidade de uma análise detalhada do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, apresentando três alternativas possíveis: *subcapitalismo*, *capitalismo avançado* e *socialismo*.

Florestan (2020) destaca que os termos *burguês* e *burguesia* não se aplicam propriamente aos senhores de engenho ou à aristocracia agrária, visto que esses são agentes econômicos especializados. A burguesia brasileira, surgida tardiamente, principalmente após a Independência, não seguiu o mesmo percurso da burguesia europeia, sendo caracterizada por uma dependência dos países capitalistas centrais e um desinteresse por promover uma educação política para a população.

Abordamos a estruturação da sociedade brasileira dentro de um sistema capitalista, racista e patriarcal, com raízes em uma economia escravocrata. Esse contexto histórico é visto como produto da colonização por uma nação cristã que, de acordo com Viezzer e Grondim (2021), impôs a violência em nome da fé. A formação do Brasil é analisada sob a perspectiva de um sistema colonial baseado na escravidão moderna e na inserção do país no mercado mundial, conforme Medeiros e Bezerra (2019).

O sistema escravista, iniciado oficialmente em 1550, gerou grande acumulação de riquezas para os senhores de engenho, ao mesmo tempo em que perpetuou estereótipos racistas que ainda afetam a sociedade contemporânea. Fernandes (2020) enfatiza que as transformações capitalistas são moldadas por fatores econômicos, socioculturais e políticos, ressaltando a importância do significado histórico dos acontecimentos para a coletividade.

Destacamos os movimentos antiescravistas e abolicionistas, motivados por fatores como a violência exercida sobre os escravizados e a pressão por uma sociedade que se apresentasse como moderna e organizada. No entanto, essas revoluções eram principalmente para benefício dos brancos, visando a manutenção do status quo e a aceitação no comércio internacional.

Portanto, optamos por utilizar o “bolsonarismo” como expressão moderna de autoritarismo e conservadorismo na sociedade brasileira, situando o governo de Jair Bolsonaro como representante de uma burguesia que visa dismantelar políticas públicas, promovendo um Estado mais armado e alinhado a interesses neoliberais e fundamentalistas. A figura de Bolsonaro ganha destaque em um contexto de crise econômica e social, resultando em práticas populistas que combinam neoliberalismo e autoritarismo.

Relacionamos os conceitos de *superexploração*, *dependência estrutural* e *desenvolvimento desigual*, desenvolvidos por Rui Mauro Marini, ao contexto brasileiro. Esses conceitos reforçam a ideia de que o Brasil, como país periférico, permanece submisso às potências capitalistas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

centrais, perpetuando a desigualdade e a dependência econômica. Nesse sentido, destacamos o “bolsonarismo” como parte de um ciclo que se intensifica em tempos de crise, destacando o impacto contínuo da formação socioeconômica histórica na política e sociedade brasileiras.

Não é possível concluir tal temática em apenas algumas páginas, é necessário que o assunto siga sendo discutido pois ainda está bastante latente na sociedade brasileira. O “bolsonarismo” carrega consigo elementos que podem ser vistos no início da formação social do Brasil – como o autoritarismo e o mandonismo, mas são elementos que não estão detidos apenas na pessoa Jair Bolsonaro e, portanto, não vão desaparecer com ele.

REFERÊNCIAS

BROWN. WENDY. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

FERNANDES. FLORESTAN. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Curitiba: Kottler Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FERNANDES. SABRINA. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo (SP): Autonomia Literária, 2019.

GONZÁLES, LÉLIA. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rios, Flávia; Lima Márcia (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Homem, Maria; Calligaris, Contardo. **Coisa de Menina?** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2019. (Coleção Papyrus Debates).

LÖWY, MICHAEL. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdwxBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MACÁRIO, E.; DIAS, E.; MEDEIROS, R. B.; ALEXANDRE, T. (Orgs.). **Dimensões da crise brasileira: dependência, trabalho e fundo público**. Fortaleza: Ed. UECE; Projeto Editorial PRAXIS, 2019. MACÁRIO, E.; VALE, E.S.; RODRIGUES JR, N. S. (Orgs.). **Neodesenvolvimentismo, trabalho e questão social**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MARINI, RUY MAURO. **América Latina, dependencia y globalización** / Ruy Mauro Marini; antología y presentación, Carlos Eduardo Martins. - México, D.F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

MEDEIROS, E; BEZERRA, L. Considerações sobre o desenvolvimento desigual e combinado no capitalismo brasileiro. In: **Formação social e serviço social: a realidade brasileira em debate**. Medeiros, E; Nogueira, L; Bezerra, L. (orgs.). São Paulo: Outras Expressões, 2019.

SILVA, CRIS GUIMARÃES CIRINO DA. **O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake News e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro** [recurso eletrônico]. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7664>>. Acesso em: 24 maio 2023.

SEMERARO, G. O GOLPE DE 2016, O CONTEXTO LATINO-AMERICANO E AS LUTAS SOCIAIS. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 32–42, 2020. DOI: 10.36311/2526-1843.2019.v4n4.p32-42. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/view/10703>>. Acesso em: 20 set. 2022.

SOUZA, JESSÉ. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, M. B; HOFF, T. S. R. Governo Temer e a Volta do Neoliberalismo no Brasil: possíveis consequências para a habitação popular. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 11, e20180023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180023>. Acesso: 29 ago 2024.

VIEZZER, M; GRONDIN, M. **Abya Yala, genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021.